

Fragmentação nas Redes do Fórum Social Mundial: como se comporta o “evento global”?

Fernanda de Almeida²
UNICAMP

RESUMO: Como parte do processo de construção de novas formas de organização da sociedade civil, as Redes na Internet tornaram-se um meio e uma metodologia utilizada para a troca de experiências e de atividades entre organizações. Tal metodologia de trabalho tem sido extensamente utilizada por ISMs (movimentos sociais via internet), redes de ONGs (organizações não-governamentais), etc. e na organização de grandes eventos do atual cenário político do qual fazem parte os atores antiglobalização, como é o caso do FSM (Fórum Social Mundial). A opção pelo uso das ações coordenadas por redes, no contexto do FSM, tem, contudo, gerado questionamentos a respeito do tipo de relação estabelecida em seu interior, e.g., o estabelecimento de hierarquias, e gerado preocupações acerca de uma possível fragmentação e consequente descaracterização do evento que se propõe ser global. Sendo assim, em um esforço preliminar e fazendo uso de metodologias utilizadas em ANS (análises de redes sociais), o presente artigo procura investigar as redes do FSM, observar a existência ou não dessas novas relações e disputas, e pensar como tal fragmentação pode estar contribuindo para uma possível recharacterização desse evento.

PALAVRAS-CHAVE: Fórum Social Mundial. Análise de redes sociais (ANS). Redes

ABSTRACT: As part of the process of building new forms of organization of civil society, the networks on the Internet has become a means and a methodology for the exchange of experiences and activities between organizations occur. This method of work has been extensively used by ISMs (social movements via Internet), networks of NGOs (non-governmental organizations), etc, and in the organization of major events of the current political scene which are part of the actors anti globalisation, as in the case of the WSF (World Social Forum). However, the option for the use of coordinated actions by networks, in the context of the WSF have generated questions about the type of relationship established in these interior, e.g., the establishment of hierarchies, and generated concerns about a possible fragmentation and adulteration of the event it is proposed to be global. Thus, in a preliminary effort in making use of methodologies used in ANS (analysis of social networks), this article tries investigate the networks of the WSF, noted the existence or not of these new relationships and disputes and, as such thinking may be fragmentation contributing to a possible change of this event.

KEYWORDS: World Social Forum. Social network analysis (SNA). Networks

INTRODUÇÃO

Com muitas indefinições e sem um argumento final, o Fórum Social Mundial (FSM) desponta como um evento nascido no bojo das grandes mobilizações de Seattle, de Quebec, de Gênova, etc. e partilha de uma série de ações políticas conhecidas como AGMs (movimentos antiglobalização), justamente por apresentar uma visão positiva de justiça social e de democracia, o que o coloca nos primórdios do que Anheier e Katz (2005) chamaram de “sociedade civil global” e, finalmente, mescla-se nesse cenário ora visto como mais um elemento mobilizador ou como um ator em potencial ascensão que se encontra na vanguarda da democracia mundial (WALLERSTEIN, 2004).

De modo a estabelecer suas atividades, seus organizadores construíram mecanismos organizacionais no formato de redes sociais, redes que os capacitaram a realizar suas tarefas, como a seleção das temáticas abordadas nos Fóruns. Ocorre, porém, que leituras e análises de uma das redes que compõem o FSM, a saber o seu Conselho Internacional (CI)¹, mostrou que tais relações, ao contrário do que estaria sendo previsto ou recomendado como uma rede polifônica global, têm se revelado uma rede formada de micro redes.

Estabelecendo o panorama apresentado como pano de fundo, propõe-se discutir as relações entre a fragmentação das redes que se pretendem globais em redes de interesses locais e regionais, tendo como objeto de investigação as redes constituídas a partir do Fórum Social Mundial. Assim, a problemática que se estabelece é se tais descentralizações são ou não fonte potencial de enfraquecimento das proposições globais do FSM.

Tal reflexão, por sua vez, incide sobre o questionamento acerca da existência de fragmentação no interior dessas redes, possivelmente devido ao poder exercido por alguns atores na rede do CI. Busca-se, portanto, nas micro relações (ou micro redes) existentes, fatores indicativos da dominação² de um ator sobre o outro, sobretudo no que se referia às escolhas temáticas para as edições do FSM.

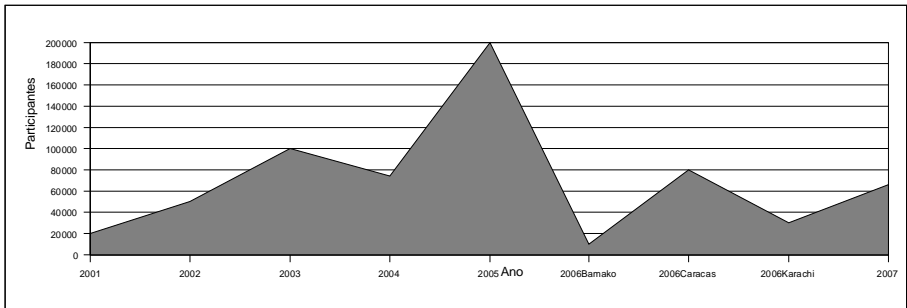
De modo a abordar essa questão, propõe-se pensar na formação das agendas temáticas do FSM como fator associativo dessas estruturas e responsável pela formação de pequenas redes dentro da rede maior do FSM, a partir da hipótese de que as organizações do FSM se unem em micro redes transnacionais em busca da defesa de determinados temas, possibilitando a transferência de informações e de conhecimentos entre si; sendo possível enxergar a formação dessas micro redes como expressões particulares frente a um todo temático bastante amplo.

ENTENDENDO A “FRAGMENTAÇÃO” DO FSM

Procurando informações acerca de tal “fragmentação” do FSM, buscou-se primeiramente entender o comportamento “externo” do FSM, ou seja, a partir de suas taxas de crescimento, sua relação com as marchas e os protestos e com os Fóruns regionais e temáticos, deseja-se compreender como o FSM se relaciona com os demais eventos e protestos da sociedade civil organizada.

Uma análise do comportamento do FSM ao longo de 7 edições mostrou um amplo crescimento, com decréscimo apenas nos anos em que o Fórum “se internacionaliza” (2004) e durante sua edição policêntrica (2006), tal como pode ser observado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1: Evolução no número de participantes do FSM entre os anos de 2001 e 2007



Fonte: Dados coletados junto ao site: <www.forumsocialmundial.org.br>.

O gráfico acima informa sobre dois momentos de grande baixa nas participações: o primeiro, no ano de 2004, quando o FSM realiza sua primeira edição fora do Brasil e vai para a Índia, marcando esse evento como a “internacionalização” do Fórum. O segundo episódio de baixa participação acontece no ano de 2006, quando o Fórum se divide em três eventos paralelos e simultâneos, conhecidos como policêntricos.

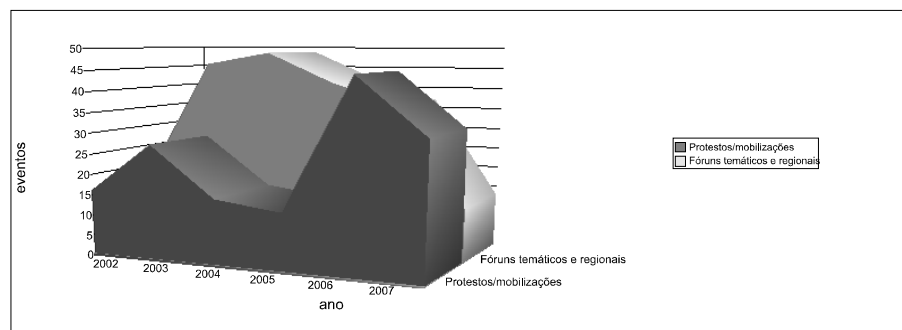
Essas baixas também podem ser observadas no Gráfico 2, que explora a relação entre os eventos realizados pelos Fóruns regionais e temáticos e os protestos e mobilizações ocorridos entre os anos de 2002 e 2007. Nesse Gráfico pode-se perceber uma relação de complementariedade e de espelhamento entre essas duas esferas de ação, justamente nos anos de 2004 e 2006, quando o FSM tem suas menores taxas de participação.

Interpretada como um “processo de ação coletiva”³, tal complementariedade pode ser lida como um reforço ou uma coalizão contra um ator comum, no caso a “Globalização”, desembocando, por fim, no que Tarrow chamou de “ciclos de protesto” em *Power in Movement* (1996)³.

Conforme Tarrow (1996), os cenários desses “ciclos” podem ser reconhecidos por meio das ações coletivas⁴ que nele ocorrem, as quais se aproveitam de momentos únicos na política, também conhecidos como “oportunidades”⁵, para se reorganizarem⁶ enquanto movimentos diversos.

Os ciclos de protesto, segundo o autor, são caracterizados pela: a) intensificação do conflito; b) amplitude setorial geográfica; c) difusão geográfica; d) expansão do repertório territorial de contenção; e) aparência de novos movimentos sociais ou novas organizações; f) “empowerment”; g) criação de novas estruturas de ligação entre grupos dispersos; e h) interação intensificada entre combatentes e o Estado. Com isso, pode-se observar o FSM tanto como um espaço político, quanto como um elemento de uma ação coletiva maior, que pode ser conhecida como parte dos “movimentos antiglobalização” e, por extensão, como um ator tanto ativo nos ciclos de protesto quanto articulador desses ciclos.

GRÁFICO 2: Comparação entre número de eventos dos Fóruns Regionais e Temáticos e marchas e protestos realizados entre os anos de 2002 e 2007:



Fonte: Dados coletados junto ao site: <www.forumsocialmundial.org.br>.

De um modo geral, tais análises apontaram para uma relação intrínseca entre os eventos do FSM e suas marchas e protestos. Percebe-se um aumento no volume de protestos e de Fóruns regionais e temáticos, justamente nos anos em que o FSM tem seus maiores índices de participação, e um aumento no número de marchas e de protestos entre os anos de 2004 e 2006, quando acontecem as maiores baixas no volume de participações no FSM. Tais evidências sinalizam para uma possível relação de “complementariedade” entre essas esferas de articulação

da sociedade civil. Conforme análise de Biagiotti (2004), não estaria havendo um declínio desses ciclos de protestos, antes estaria havendo um fortalecimento de um novo sujeito e de uma nova forma de protesto e atuação em crescimento, que seriam os Fóruns.

Dentro da lógica proposta por Tarrow, a análise desses movimentos ajuda na compreensão de como eles se reproduzem e se distribuem, criando uma sucessão de ciclos de protestos. Geralmente tais ações têm como fator preponderante a solidariedade, i.e., se baseiam em símbolos e significados construídos pelo próprio grupo e que estão, por sua vez, em concordância com a ideologia do movimento, com a mensagem que desejam difundir e com as metas que buscam alcançar. Assim, esses símbolos representam as questões que mobilizam essa fatia da sociedade. No caso dos acontecimentos em torno do FSM, pode-se localizar sua identidade nos símbolos antiglobalização por eles proclamados, como os repúdios aos acordos da Organização Econômica de Cooperação e Desenvolvimento (OECD), ao comércio e legalização de produtos transgênicos, repúdio à guerra anti-terror, repúdio aos Acordos Internacionais como Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), Multilateral Agreement on Investment (MAI), etc. E a mensagem que tentam difundir é que “um outro mundo é possível”.

Nesse panorama político, conforme Milani e Laniado (2006), o FSM em si seria tanto um símbolo constituidor das identidades⁷ antiglobalização de seus participantes, como um espaço capaz de agregá-las:

O FSM tem promovido uma plataforma adequada para a reflexão de possíveis alternativas para o modelo de globalização neoliberal, e pode ser considerado [como sugeriu Fisher e Ponniah (2003)] “um espaço pedagógico⁸ habilitado para o aprendizado, organização política e em rede” (MILANI e LANIADO, 2006, p. 25)⁹.

Ocorre, porém, que tais análises do comportamento do FSM somente informam acerca do seu papel e desempenho na sociedade civil e não acrescentam nenhuma informação acerca de suas fragmentações – antes contribuem para que procuremos melhor compreender os dois momentos de baixa participação no Fórum (2004 e 2006) que, acredita-se, podem sinalizar para alguma nova informação sobre a problemática dessa pesquisa.

Uma vez que o “exterior” do FSM pouca informação revelou, realizou-se uma análise “interior” ou organizacional do FSM através de fontes secundárias e de seus documentos. As análises desse material apontaram para o estabelecimento de relações hierárquicas e de formação de “nichos” dentro do FSM e que não condiziam com os preceitos delimitados na Carta de Princípios do FSM, tomada como o único documento criado para orientar seus preceitos e direções políticas.

Assim, na visão de Jai Sen (2002), o Conselho do FSM funciona mais como “um disfarce profissional que um órgão de decisão” (JAI SEN, 2002, p. 04)¹⁰, à medida que dirige o FSM com poderes bastante amplos e tem por função ser um organismo permanente que visa assegurar a sua continuidade. Assim, o papel do Conselho é importante na orientação das políticas e diretrizes na definição das linhas estratégicas do evento (ROMERO, 2005).

Assim, de acordo com Keraghel e Sen (2004), existe, nos Conselhos e no FSM, um forte contraste entre as tendências autônomas e auto-organizadas exibidas pelos participantes e as “tendências centralizadoras no processo de tomada de decisão entre os organizadores” (KAREGUEL e SEN, 2004, p. 489)¹¹.

Para além do processo organizacional do FSM, conforme Aguiton (2005) e Whitaker (2005), o método de trabalho do FSM consiste na adoção de redes sociais¹², conceituação na qual o próprio Fórum pode ser caracterizado enquanto tal. As Organizações e Movimentos que fazem parte desse processo possuem grandes e diferentes estruturas “internamente abertas e idealmente horizontais” de modo a facilitar sua auto-coordenação, criar e desenvolver novas redes e coalizões.

Conforme Klein (2001), a escolha por se comporem redes sociais revela também uma opção metodológica cujo foco se concentra sobre a formação “de rede(s) internacional(is), cada vez mais coesa(s), de iniciativas locais, cada uma delas construída através da democracia direta” (KLEIN, 2001, p. 3).

Assim, a rede do FSM é formada pelos membros organizadores das edições do mesmo, ou seja, pelo Conselho Internacional, composto por 125 organizações, que, acredita-se, enquanto elementos internos do FSM podem contribuir com novas informações acerca de tal “fragmentação” do evento.

MAPEAMENTO DAS REDES

Utilizando técnicas de sociometria, tentou-se compreender o comportamento dos nodos que compõem a rede do FSM, empregando uma abordagem já operacionalizada anteriormente por Marteleto (2001), na qual se utilizaram as medidas de análise “Cliques” e “Centralidade”.

A opção por essas duas medidas se deve ao fato de que, indiretamente, ambas explicitam relações existentes na rede que podem estar incorporando as organizações que dela fazem parte e também as excluídas do sistema.

Para a construção das matrizes e para a geração dos índices e coeficientes estatísticos das redes¹³ foram utilizados os programas UCINET 6.0¹⁴ e EXCEL.

Através de questionários e de análise das páginas na web¹⁵ de cada uma das 125 ONGs, Redes, Movimentos Sociais e Sindicatos que compõem o CI¹⁶ foi reconstruída a rede de “parceiros” ou “links” das organizações que compõem o CI.

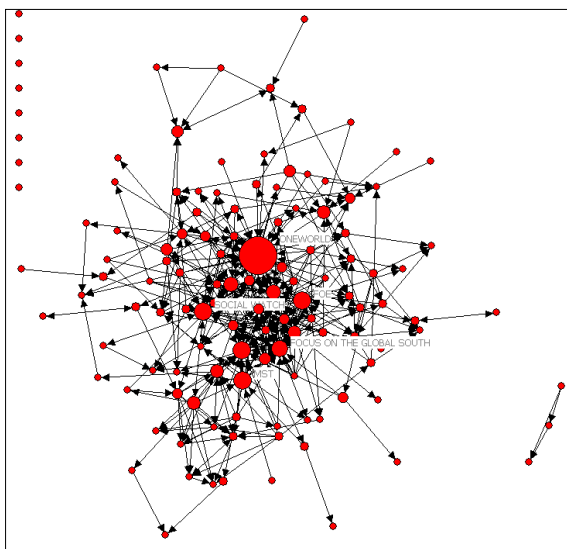
Assim, buscou-se, através dos links e parcerias (que tais atores afirmavam realizar), reconstruir a rede integral de “parceiros” entre eles¹⁷. Tal tarefa permitiu perceber, *a priori*, ligações mais frequentes e outras menos frequentes, locais onde tais ligações são mais evidentes, conexões temáticas realizadas segundo interesses específicos, etc.

Assumiram-se, portanto, como unidades de análise, as organizações integrantes do CI diretamente ligadas entre si. Os dados recolhidos referentes à essas “redes de parceiros” foram inseridos no software UCINET, no formato de matrizes binárias, não-direcionadas e simétricas no tamanho 125X125, onde foi possível perceber a presença ou ausência de parceria e conexão, tal como observável no Diagrama 1, apresentado na seqüência e que nos informa acerca de uma estrutura de rede intermediária, com centralidade em alguns pontos.

Assim, representada em escalas de centralidade na rede, a imagem da rede do CI revela a proeminência de um grande agrupamento em torno da organização inglesa ONE WORLD, e outros pequenos agrupamentos em torno das organizações MST, Focus on the Global South e Social Watch, que, acredita-se, podem ser essenciais para se compreender a essência dessa suposta fragmentação do FSM.

Além de se mostrar uma rede bastante complexa e com muitas organizações “orbitando” em sua periferia de ação, a rede do CI também revela o caráter aparentemente desigual das relações intra-organizacionais existentes em seu seio, as quais serão melhor analisadas na seqüência.

DIAGRAMA 1: Imagem da Rede do CI :



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

De modo a melhor abordar a centralidade dessas organizações na rede do CI, será utilizado o conceito de “cliques”. Por cliques entende-se ser a quantidade de relações diretas dos atores, onde, quanto mais as relações são diretas, certamente, maiores e mais importantes são os elos construídos na rede. Os cliques podem, portanto, representar uma instituição, um (sub)grupo específico e mesmo identificar a movimentação em torno de um determinado problema. Considerou-se aqui como cliques apenas os subgrupos formados por dois ou mais nodos.

Com a ajuda da ferramenta N-Clique disponível no software UCINET, foram identificados 942 cliques na rede do CI, variando entre 0 clique para organizações como a Confederação Europeia dos Sindicatos (CES/ETUC), Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Solidariedade (CIDSE), dentre outras até 785.000 cliques como a organização One World apresentou. Assim, os maiores volumes de conexões figuram nos grupos formados pelas organizações: 1) Inter Pess Service (IPS), One World, Transnational Institute (TNI), e 2) Comitê para a Anulação da Dívida do Terceiro Mundo (CADTM), Centro Tricontinental (CETRI), Focus on the Global South. O caráter dessas organizações sugere tratar-se de grandes organizações e redes internacionais que articulam microrredes específicas no contexto do FSM (ANHEIER e KATZ, 2004). Assim, é identificado no primeiro agrupamento o interesse desses atores por questões bastante heterogêneas, desde o estabelecimento de simples comunicação entre organizações, sustentabilidade, economia, direitos humanos, até mobilizações antiglobalização.

Individualmente, as organizações One World, Focus on the Global South, Friends of the Earth (FOE), Corpwach, CADTM, Alternative Information Development Centre (AIDC), e Internation Forum on Globalization (IFG) apresentaram os maiores níveis de articulação, sobretudo em torno de questões ligadas à antiglobalização, opções econômicas sustentáveis e direitos humanos, sugerindo com isso tratar-se de mediadores importantes para seus micro agrupamentos.

Um “mediador” importante ao seu grupo, segundo David Ugarte (2007), pode ser reconhecido a partir do número de nodos com o qual esse ator está conectado no interior da rede, portanto, quanto mais conexões esse nodo estabelecer, maiores vínculos (superficiais ou profundos) deterá. Desta forma, o caráter desses vínculos é um indicador do significado social que essa rede representa para o nodo que dela participa ou de que forma a rede influencia no comportamento dos demais atores.

Outra abordagem interessante que pode ser extraída dessa imagem é a análise da densidade da rede do CI. Por densidade entendem-se as conexões efetivas em relação às conexões possíveis dentro da rede. A densidade mede a proporção de relações existentes sobre o total de relações possíveis, indicando a intensidade de relações em um conjunto da rede. Encontrou-se um valor médio de densidade

entre os nodos de 0,0310 e desvio-padrão de 0,1991 revelando ser esta uma rede bastante grande. Apesar disso, foi encontrado um total de 724 ligações reais entre os membros da rede e uma taxa de fragmentação de 0,170% revelando uma fraca capacidade de interação entre seus nodos e uma baixa densidade, possivelmente causada por sua dimensão.

Utilizando a medida de análise de “centralidade”, procurou-se responder como se dão as conexões na rede do CI. Entendida como a posição que um indivíduo ocupa em relação aos outros, a centralidade tem por função medir a quantidade de elos que se colocam entre eles. Assim, preocupada em alcançar os atores mais centrais, mais proeminentes, mais poderosos e com prestígio na rede. Tal abordagem procura medir o grau de centralidade utilizado nas redes simétricas, como no caso analisado, que se manifesta pelas relações diretas de cada ator (RODRIGUES e MÉRIDA, 2006). Assim, a tal graduação pode ser medida pelo número de laços diretos que um ator possui com outros demais em uma rede (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Assim, a Tabela 1 apresenta as organizações da rede do CI com maior centralidade, as quais podem ser interpretadas segundo as estatísticas do grau de centralidade encontrado apresentadas na Tabela 2.

TABELA 1: Grau de Centralidade das maiores e menores Organizações da rede do CI:

Organização	Grau	Grau Normal	Participação
One World	39.000	15.854	0.049
Focus on the Global South	27.000	10.976	0.034
CADTM	23.000	9.350	0.029
AIDC	22.000	8.943	0.027
FOE	21.000	8.537	0.026
TNI	18.000	7.317	0.022
Rede Solidária	0000	0000	0000
CES/ETUC	0000	0000	0000

TABELA 2: Estatísticas de Grau de Centralidade da rede do CI:

Organização	Grau	Grau Normal	Participação
One World	39.000	15.854	0.049
Focus on the Global South	27.000	10.976	0.034
CADTM	23.000	9.350	0.029
AIDC	22.000	8.943	0.027
FOE	21.000	8.537	0.026
TNI	18.000	7.317	0.022
Rede Solidária	0000	0000	0000
CES/ETUC	0000	0000	0000

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Assim, na rede do CI, foi encontrado um grau de concentração de cerca de 13,43% com a menor concentração da CES/ETUC com 0 e a One World com 15.854 seguida da Focus on the Global South com 10.976, revelando um alto grau e concentração por parte da primeira organização que, em última análise, apresenta-se mais como receptora de conexões, do que propriamente estabelecadora e influenciadora de outros nodos. Considerando o tamanho relativo de ambas as redes, o membro mais ativo na rede do CI possui uma capacidade de concentração bastante elevada.

Outra maneira de se abordar a centralidade de uma organização na rede é observando suas relações de poder, medidas, por sua vez, a partir do Poder de Bonacich. O índice de poder de Bonacich analisa a centralidade de cada ator como uma função relacionada à quantidade de conexões de cada ator e de quantas conexões os atores próximos a ele possuem. Quanto menores estas forem às conexões dos atores próximos, maior será o poder do ator.

Assim, a Tabela 3 informa acerca da centralidade de cada organização na rede do CI. Na tabela que segue apenas mencionamos aleatoriamente algumas das 125 organizações da rede do CI com a finalidade de mostrar o peso da organização One World no interior da rede, com 44.876 indicando a maior concentração na rede, frente a outras organizações como a África Trade Network, com 0 grau de concentração.

TABELA 3: Índice de Poder de Bonacich na rede do CI:

Organização	Poder (power)	Poder Normal (nrmpower)
50 Years is enough	5.000	19.511
ABONG	3.000	11.707
Action Aid International	4.000	15.609
ACTU	2.500	9.756
AFL-CIO	3.500	13.658
Africa Trade Network	0000	0000
MST	6.500	25.365
Narmada	1.000	3.902
NIGD	0.500	1.951
One World	11.500	44.876
Rede Dawn de Mulheres	3.500	13.658
Social Watch	3.000	11.707

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Juan Urrutia (2003 apud UGARTE, 2007) propõe uma análise bastante interessante e que pode ser importante na busca por descobrir acerca de tal poder no interior das redes:

Se entendemos que, no comportamento dos nodos, a influência pelo entorno é sua estratégia de propagação, teremos um primeiro modelo de motivação e comportamento informacional na rede. A partir de agora consideraremos que o que se transforma na rede é o discurso dominante e que os atores têm o desejo de transmiti-lo um ao outro, abrindo ou fechando seus vínculos em função de sua aceitabilidade pelo entorno imediato (Op. cit, p. 17).

Com isso, pode-se saber que as informações transmitidas em meio às redes podem, por influência de um nodo sobre outro, através do “capital social” que o primeiro detém se transformar em uma extensão de poder. O que é interessante notar nessa assertiva é como tal propagação de informações pode extravasar os limites do grupo, influenciar outros grupos e gerar uma aceitação global sobre uma determinada informação. Essa informação pode ser uma idéia em um blog, um texto político, uma imagem, enfim, se trata de novas formas de influenciar, de contagiar e de disseminar crenças e valores de um nodo ou grupo a outro. Assim, acredita-se que a centralidade de um ator em uma rede pode ser um indicativo de sua capacidade de influenciar através de fluxos outros atores.

Procurando conhecer quais os atores que estão melhores ligados a outros, ou que têm mais influência sobre os demais, utilizou-se o índice de centralidade de Freeman, índice que indica se os nodos participam mais ou menos da rede, se eles concentram mais ou menos as direções dos fluxos de parceria entre os nodos da rede.

Assim, a Tabela 4 informa acerca das organizações mais centrais na rede do CI, seguida dos índices estatísticos que as referenciam e que se encontram expressos na Tabela 5.

Desta forma, para a rede do CI, a One World é a ONG que possui a maior capacidade de centralização da rede, com 13,69% seguida por outras ONGs e Redes de porte internacional.

TABELA 4: Grau de Centralidade de Freeman das mais proeminentes Organizações da rede do CI:

Organização	Poder (power)	Poder Normal (nrmpower)
50 Years is enough	5.000	19.511
ABONG	3.000	11.707
Action Aid International	4.000	15.609
ACTU	2.500	9.756
AFL-CIO	3.500	13.658
Africa Trade Network	0000	0000
MST	6.500	25.365
Narmada	1.000	3.902
NIGD	0.500	1.951
One World	11.500	44.876
Rede Dawn de Mulheres	3.500	13.658
Social Watch	3.000	11.707

TABELA 5: Estatísticas de Grau de Centralidade de Freeman para a rede do CI:

	Centralidade	Centralidade Normal
Média	111.968	0.746
Desvio- Padrão	263.622	1.757
Mínimo	0000	0000
Máximo	2150.105	14.328
Índice de Centralidade	13,69%	

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

A interpretação mais interessante desse índice de centralidade é, porém, a demonstração da concentração estrutural em toda a rede, ou seja, o percentual de centralização da rede como um todo. Tal centralidade é, muitas vezes, relacionada ao conceito de “capital social”¹⁸ que alguns atores possuem e que os torna detentores de certo “poder” sobre os nodos que a eles se ligam. Indo um pouco além, Kadushin (2004) relacionou o conceito de “capital social” aos “círculos sociais”¹⁹, enunciando que estes “círculos” aglutinariam grupos primários, aparentemente desconectos, em uma rede mais ampla.

É possível imaginar esse círculo social como um “pequeno mundo”²⁰, onde cada ator é um nodo, as conexões entre esses nodos não necessariamente devem ser diretas, os nodos podem estar distantes em infinitos níveis de distanciamento. Nesse construto, o fluxo que circula entre os nodos e que os conecta são as idéias, conceitos, valores, etc., compartilhadas pela rede. Neste pequeno universo, um mesmo ator pode compartilhar dos mesmos interesses de sujeitos de outras redes, construindo uma estrutura pessoal cada vez mais densa. Nesse ambiente, o responsável por esse “pequeno mundo” seria o “mediador”, ou seja, aquele que detém o “capital social” necessário para formular seu “círculo social”.

Assim, pode-se observar que, quanto mais central é o ator na rede da qual ele participa, como mostrado em relação à organização inglesa One World, mais ele pode influenciar os outros nodos que a ele estão ligados (tanto direta quanto indiretamente). Tal fenômeno pode ser explicado pela presença de um nodo muito bem posicionado em uma rede por meio da utilização estratégica de suas “aberturas estruturais”²¹, que, em última análise, pode, através de sua influência, sugerir a definição de temas, de assuntos e até de agendas interessantes na rede, variando também de acordo com seus interesses políticos. Pelo levantamento realizado, sabe-se que as organizações One World, 50 Years is Enough, Focus on the Global South, dentre outras, são, com efeito, as maiores ou mais densas de toda a rede do CI.

AGENDAS TEMÁTICAS

Investigando a origem dessas centralidades de modo a alcançar respostas acerca das tais “fragmentações”, procurou-se analisá-las a partir de suas inter-relações temáticas.

Assim, analisou-se o perfil temático das organizações mais centrais na rede do CI, as quais se mostraram grandes influenciadoras sobre as demais, variando segundo temática abordada, a partir das coalizões e dos agrupamentos ao quais pertenciam, como, por exemplo: coalizão Rede de Educação Popular entre Mulheres

(REPEM) e Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM) na abordagem das temáticas referentes ao sexismo e gênero, sobretudo, na América Latina; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Via Campesina com relação aos temas de reforma agrária; Friends of the Earth (FOE) e Greenpeace tratando da temática ambiental, etc.

Trata-se de organizações que, muitas vezes, já exerciam esse tipo de coalizão antes mesmo da formação da rede do CI e que, por questões de trabalho, deram continuidade às suas conexões, outras tantas, apertaram os laços a partir da rede do FSM com grandes organismos como a ONU, OXFAM, Bretton Woods, Congress of South African Trade Unions (COSATU), American Federation Labour (AFL-CIO), dentre outros.

Nesse sentido, a questão do “capital social” detido por esses atores centrais revela-se através da credibilidade que essas organizações detêm e que as torna aptas a exercer o papel agregador e coordenador que demonstram.

Outra forma de abordar as conexões temáticas entre as organizações que compõem a rede do CI, de modo a melhor perceber a formação das micro redes (temáticas) observadas na análise de centralidade, foi realizado mediante um experimento combinando as agendas temáticas abordadas pelas organizações do CI e sua posição no interior da rede.

Assim, na rede do CI podem ser verificadas as citadas ligações entre grupos devido à sua preferência ou especificidade temática (COOK, 1977), como pode ser examinado na figura que se segue, onde são observados agrupamentos segundo temáticas interessantes para cada organização participante da rede do CI.

No Diagrama 2, as organizações que compõem a rede do CI estão representadas pelos círculos vermelhos em torno das agendas temáticas mais proeminentes no contexto do FSM, representadas, por sua vez por quadradinhos azuis.

temáticas dos FSMs entre os anos de 2001 e 2007 e foi encontrada uma forte correspondência entre os eventos políticos, econômicos e sociais em curso com o agendamento do Fórum.

Cruzando os dados das agendas do Fórum e alguns eventos “locais”, foram encontradas correspondências entre as “necessidades” regionais do local onde o Fórum seria realizado e a agenda do evento, revelando um forte “regionalismo” e privilégio na definição das pautas.

É possível observar tais conexões como fruto de “estruturas específicas de debate e deliberação” (ANHEIER e KATZ, 2004), cujo comportamento pode também identificar coalizões e a emergência de determinadas questões na esfera pública, revelando temáticas mais centrais em detrimento de outras, bem como a conexão entre elas.

CONCLUSÕES

Conforme os gráficos anteriores apontaram, observou-se que os “vácuos” provocados pelos FSMs de 2004 e 2006 foram “cobertos” pelos protestos e Fóruns regionais e temáticos, revelando, com isso, uma tendência, por parte da sociedade civil, em se articular ora global ora localmente.

As inter-relações entre agendas, fóruns e protestos também apontaram para uma “solidificação” do FSM como evento global, para o fortalecimento das micro redes e para a geração dos nichos temáticos.

Uma última análise dos gráficos e dados estatísticos apresentados ao longo deste artigo mostra que a fragmentação do FSM tem início já em sua própria base e organização, com a preferência pelo uso de redes e com a formação de “pequenos poderes”, conforme notaram alguns comentaristas. Retifica-se, portanto, o pensamento de Castells (2006), quando afirma que os canais de fluxos de comunicação (como as redes sociais) são objetos que revelam a lógica dos lugares segmentados e espalhados, cada vez menos inter-relacionados e cada vez mais fechados em lógicas e estruturas particulares, que são aqui assumidos como “micro-redes”.

A partir de uma leitura geral do material coletado e das macro- e microanálises do FSM, verificou-se, contudo, que tal fragmentação não necessariamente pode estar levando a um enfraquecimento do FSM, visto que, ao contrário, enquanto que tem havido um declínio estrutural no percentual de grandes ciclos de protestos como Seattle, Gênova e Washington (com uma queda de cerca de mais de 50% no ano de 2003, seguido de um gradual aumento nos anos seguintes), tem ocorrido um grande aumento no número de participações em Fóruns na casa dos 100% segundo Biagiotti (2004), apontando um crescimento no interesse

da sociedade civil em se articular com essas causas consideradas “antiglobalistas”.

Assim, concordando com Gadotti (2004), acredita-se que, devido à pluralidade de vozes e de olhares, pela multiplicidade de atividades oferecidas, pode-se ter a impressão de fragmentação do evento, porém “[...] podemos ler essa quantidade de manifestações como a riqueza do movimento que não nos divide, mas nos une numa polifonia de vozes, harmonizadas por uma causa comum”, que podem ser chamados de “parceiros” em escala local ou global.

Finalmente, com a análise da rede do CI, pôde-se observar que o FSM, enquanto um evento que se propõe a ser global tem, aparentemente, se fragmentado em micro redes, muitas vezes baseadas em temáticas específicas para cada um desses agrupamentos. Tal configuração não demonstra, no entanto, necessariamente a formação de um “pequeno mundo” tal como Milgram (1967) propôs, que comprometeria a “globalidade” do Fórum. Antes, existem alguns nodos centrais que têm por função justamente interligar esses agrupamentos e dar a idéia de um “todo harmônico, polifônico e global” ao FSM, cumprindo o papel de “pontes” entre o local e o global e assegurando o diálogo entre as suas micro redes.

NOTAS

1 O presente artigo faz parte das aproximações teóricas atualmente desenvolvidas pela autora em sua pesquisa de mestrado, sob a tutela da Fapesp.

² Bacharel em Ciências Sociais pela UFSCar, Mestre em Ciências Políticas pelo IFCH/Unicamp - e-mail para contato: fernandinha.almeida@gmail.com

1 Os membros do CI localizados são 50 YEARS IS ENOUGH, ABONG, ACTION AID INTERNATIONAL, ACTU, AFL-CIO, AFRICA TRADE NETWORK, AIDC, ALAI, ALAMPYME, ALIANÇA POR UM MUNDO RESPONSÁVEL E SOLIDÁRIO, ALIANÇA SOCIAL CONTINENTAL- ASC, ALOP, ALTERNATIVE INFORMATION CENTER, ALTERNATIVES, AMIGOS DA TERRA - FOE, APRODEV, ARAB NGO NETWORK FOR DEVELOPMENT, ARENA, ARTICULATION FEMINISTA MARCO SUR, APC/ movimientos, ASSEMBLÉE EUROPEENNE DÉS CITOYENS, ASSOCIAÇÃO PARA O PROGRESSO DAS COMUNICAÇÕES, ATTAC- BRASIL, BANKWATCH NETWORK, CADTM, CANADIAN COUNCIL, CARITAS INTERNACIONALIS, CBJP, CEAAL, CEDAR INTERNACIONAL, CEDETIM, CENTRAL DOS TRABALHADORES ARGENTINOS, CES/ETUC, CETRI, CIDSE, CIOSL, CIVES, CLACSO, CLC, CMT, COALICIÓN INTERNACIONAL PARA EL HABITAT, CONAIE, CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, COORDENADORA DE CENTRAIS SINDICAIS DO CONESUL/CCSCS, CORPWATCH, COSATU, CRID, CUT, ENDA, EURALAT, EUROMACHES, FEDERACION MUNDIAL DE JUVENTUDES DEMOCRÁTICAS/WFDY, FDIIF/fdim/widf, IPB, FIAN, FIDH, FORUM, FOCUS ON THE GLOBAL SOUTH, FORUM MONDIAL DES

ALTERNATIVES, GLOBAL EXCHANGE, GLOBAL POLICY NETWORK, GLOBAL PROGRESSIVE FORUM, GRASSROOTS GLOBAL JUSTICE, GREENPEACE, GRITO DOS EXCLUIDOS, GRUPO DE TRABALHO AMAZONICO, HERRIAK ASKE/ASKAPENA, IATP, IBASE, ICAE, IFAT, IFG, INTERNATIONAL ALLIANCE OF HABITANTS, INTERNATIONAL GENDER AND TRADE NETWORK, INSP, INSTITUTO PAULO FREIRE, IPAO, IPS, ITTLIAH, JUBILEE SOUTH, KCTU, KOPA, LAND RESEARCH ACTION NETWORK, MST, NARMADA, NIGD NETWORK, INSTITUTE FOR GLOBAL DEMOCRATIZATION, NORTH-SOUTH CENTRE, OCLAE, ONEWORLD, ORIT, OXFAM - INTERNATIONAL, PALESTINIAN GRASSROOTS ANTI-APARTHEID WALL CAMPAIGN, PEACE BOAT, PIDHDD, PPEHRC, PUBLIC CITIZEN, RED LATINOAMERICANA MULHERES TRANSFORMANDO A ECONOMIA, REDEAPM, REDECONSEU/CIEMEN, REDE DAWN DE MULHERES, REDE DE SOLIDARIEDADE ASIA PACIFICO/DSP, REDE LATINOAMERICANA E CARIBENHA DE MULHERES NEGRAS/criola, REDE MULHER E HABITAT, REDE MUNDIAL DE MULHERES PELOS DIREITOS REPRODUTIVOS/wgnrr, REDE PALESTINA DE ONGS, REDE SOCIAL DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS, REDE TRANSFORME, REDE SOCIOECONOMIA SOLIDÁRIA, REPEM, SIGTUR, SOCIAL WATCH, SODNET, SOLIDAR, SOLIDARITY AFRICA NETWORK IN ACTION, IFTDH, TNI, TWN, UBUNTU, UNION INTERNACIONAL DE ESTUDIANTES, VASUDHAIA KUTUMBAKAM NETWORK, VIA CAMPESINA, WORLD ASSOCIATION OF COMMUNITY RADIO BROADCASTERS/amarc, WORLD MARCH OF WOMEN, ZNET. Sabe-se que existem outros 10 membros que compunham o CI, porém informações sobre os mesmos não foram encontradas.

2 Entenda-se dominação e relações de poder no sentido organizacional e não no sentido foucaultiano.

3 Estruturada a partir da *liderança difusa* (KECK e SIKKINK, 1998) ou sem líderes, a forma mais efetiva de ação coletiva, segundo Tarrow é esboçada nas redes sociais com as quais os indivíduos já convivem ou trabalham, e onde já existe o sentimento de pertencimento, ajuda mútua e solidariedade.

3 No citado livro, Tarrow prescreve uma nova tese, que considera a união entre as pessoas como uma resposta às oportunidades políticas, levando em consideração que também as ações coletivas criam suas próprias oportunidades.

4 Por ações coletivas entendem-se os engajamentos cívicos “clássicos” dos mais distintos níveis, desde associações de mães até movimentos sociais.

5 Segundo Tarrow (1996), as oportunidades políticas são fatores externos à sociedade civil, como fatores políticos, que podem encorajar ou desencorajar as pessoas a participarem ou não em ações coletivas. Tais oportunidades podem afetar a capacidade de mobilização e de recrutamento de grupos sociais. Segundo a leitura de Rennó (2003, p. 75) acerca do conceito, *a idéia central é muito simples:*

quando as estruturas de oportunidade política reduzem os custos da participação, haverá mobilização social.

6 Tal fato, segundo Tarrow, leva seus organizadores a pensar que em tais ocasiões se formam novos movimentos sociais, o que, não é verdade, na medida em que tais ocasiões são fruto das “oportunidades” políticas já mencionadas e fazem parte de um todo maior chamado de “ciclos de protesto”, os quais serão aventados mais à frente.

7 Essa “identidade” em torno do FSM parece, no entanto, ser um tanto quanto “fluida e amorfa” como as coalizões firmadas por grupos com interesses semelhantes que, em dados momentos e lugares, se encontram, protestam lado a lado e, depois, se separam quando o protesto termina (GERHARDSERUCHT, 1992, apud TARROW, 1996).

8 Pedagogia política fundamentada no grau de coesão dos movimentos antiglobalistas (Milani e Laniado, 2006).

9 “The WSF has provided a platform suitable for reflection on the possible alternatives to the neoliberal globalization model, and can be considered as a group of open areas for meetings, discussions and proposals or, as suggested by Fisher and Ponniah, “a pedagogical space enabling learning, networking and political organisation” (Fisher and Ponniah, 2003)” [Tradução livre].

10 “as I understand it – under the guidance of the BOC and is more a professional outfit than a decision-making body” [Tradução livre].

11 “which the organisers of the Forum profess to believe in, and the tendencies among organisers to somewhat centralised and opaque decision-making” [Tradução livre].

12 Segundo Marteletto (2001), Tomaél et alii (2005), Frey (2003) e Lastres (1999), as redes sociais são estruturas idealizadas não lineares, descentralizadas, flexíveis, dinâmicas, sem limites definidos, auto-organizáveis e que, por estabelecerem relações horizontais entre seus atores participantes, teoricamente não admitem o estabelecimento de hierarquias.

13 A preferência pelo programa se deve ao fato de que este software tem por função auxiliar os pesquisadores na construção de redes sociais a partir dos dados de pesquisa previamente obtidos. A partir daí, o programa ajuda a calcular métricas para determinar algumas propriedades estruturais (grau, centralidade, etc.) e topológicas (densidade, distribuição, diâmetro, etc.) das redes sociais.

14 Muitas pesquisas em Ciências Sociais, visando análises referentes às ligações políticas entre atores da sociedade civil, já contaram com o auxílio dessa ferramenta, dentre os quais podem ser citados os trabalhos de Martelo (2001), Anheier e Katz (2004), Marques (2006), Hanneman (2005), Gurza Lavalle, Castello e Bichir (2004), dentre outros.

15 Foram analisadas os sites das organizações em suas versões disponíveis apenas entre os meses de julho e Setembro de 2007.

16 Foram excluídas redes compostas apenas para algumas ações políticas e que, por isso, não se encontravam disponíveis.

17 A opção pela análise integral da rede e não por amostragem (como é o procedimento mais comum) está baseada na impossibilidade de realização de surveys com todas as 125 organizações-membro do CI.

18 O Capital Social, segundo Putnam (2001), é uma ferramenta-chave na preservação dos valores democráticos. Para esse autor, que acredita que o capital social esteja em declínio, os valores (físicos ou humanísticos) podem aumentar a produtividade de um indivíduo ou grupo, justamente pelo compartilhamento desses valores na rede da qual participam.

19 O conceito de Círculos Sociais foi primeiramente introduzido por Simmel (1950) e prescreve a sociedade como um complexo de sobreposições de redes fechadas, umas sobre as outras.

20 Barry Wellman (1999).

21 Conforme Emirbayer e Goodwin (1994), a idéia da utilização de aberturas estruturais baseia-se na otimização das relações e na maximização dos contatos, o que interfere diretamente na centralidade de um indivíduo no ambiente das redes.

REFERÊNCIAS

AGUTON, Christophe. **O mundo nos pertence**, São Paulo: Viramundo, 2002.

_____. "Mapping the Movement". In: **Development Review**, 48:2, 2005.

ANHEIER, Helmut e KATZ, Hagai. "Network approaches to global civil society". In: **Global Civil Society, Year Book 2004/2005**. London: Sage Publications, 2004/5.

BIAGIOTTI, Isabelle. "The World Social Forums. A paradoxical application of participatory doctrine". In: **Publicações da UNESCO**, 2004.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G. and; FREEMAN, L. C. **UCINET 5.0 Version 1.00** Natick: Analytic Technologies, 1999.

BORON, Atilio A. "Reflexiones a propósito del Foro Social Mundial", 2002. In: <www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em: 8 fev. 2006.

CASTELL, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. "Power and Politics in the network society". In: **London School of Economics and Political Science**, March, 2004.

COOK, K. S. "Exchange and Power in Networks of Interorganizational Relations". In: **The Sociological Quarterly**, n. 18, 1977.

EMIRBAYER, Mustafa e GOODWIN, Jeff. "Network Analysis, Culture, and the Problem of Agency". In: **The American Journal of Sociology**, vol. 99, No. 6., 1994.

FREY, Klaus. “Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias da informação e comunicação”. In: **Revista de Sociologia e Política**, n. 21, Curitiba, 2003.

GADOTTI, Moacir. “Informação, conhecimento e sociedade em rede”. In: **Fórum Paulo Freire - IV Encontro internacional - Caminhando para uma Cidadania Multicultural**, Universidade do Porto, 19 a 22 de setembro de 2004.

GOHN, M. G.. **Os movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, SP: Vozes, 2003.

GRANOVATTER, Mark S. “The Strength of weak ties”. In: **American Journal of Sociology**, n. 78 (6), 1973.

GURZA LAVALLE, A.; CASTELLO, G.; BICHER, R. “Protagonistas na Sociedade Civil: redes e centralidades de Organizações civis em São Paulo”. In: **Revista Dados**, vol. 50, n. 3, Rio de Janeiro, 2007.

HADDAD, Sergio. “Forum Social Mundial: um processo em construção”. 2002. In: <www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 8 fev. 2006.

_____. “Caderno Especial: Um outro mundo é possível”, **Revista ODE**, 2003.

HANNEMAN, Robert. *Spatial dynamics of human populations: some basic models*. 2005.

Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman>>. Acesso em 24 out. 2007.

JURIS, J. “The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements”. In: **The Annals of the American Academy**, AAPSS, n. 597, 2005.

KADUSHIN, C. *Introduction to social network theory*. Draft: Fev, 2004. Disponível em: <<http://home.earthlink.net/~kadushin/Texts/Basic%20Network%20Concepts.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

KALDOR, M. “The Idea of a Global Civil Society”. In: **International Affairs**, London, v. 79, n. 3, 2003.

KECK, M. E e SIKKINK, K. *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*. Nova York: Cornell University Press, 1998.

KLEIN, Naomi. “Acreditando no fim do fim da História”. In: **The Nation Magazine**, março, 2001.

LANGMAN, Lauren e MORRIS, Doug. *Globalization and social movements: the impact of the World Economic Forum and World Social Forum*. Paper não publicado, Departamento de Sociologia, Loyola University of Chicago, s/d.

_____. “From Virtual Public Spheres to Global Justice: A Critical Theory of Internet worked Social Movements”. In: **Sociological Theory** 23:1, American Sociological Association, NY, Março, 2005.

LASTRES, H. M. e ALBAGLI, H. M. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARTELETO, Regina Maria. "Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação". In: **Revista Ciência da Informação**, 30:1, Brasília, 2001.

MARQUES, Eduardo César. "Redes Sociais e o Poder no Estado brasileiro". In: **RBCS**, Vol. 21, nº. 60, 2006.

MILANI, Carlos R. S. e LANIADO, Ruth N. "Transnational Social Movements and the Globalisation Agenda: a Methodological Approach Based on the Analysis of the World Social Forum". In: **The Marian an Arthur Edelstein Virtual Library**. 2006. Disponível em: <<http://www.edelsteincenter.org>> ou <<http://www.ccg.umontreal.ca/pdf/Laniado%20et%20Milarien.pdf>>. 2006. Acesso em: 10 fev. 2007.

MILGRAM, S. "The Small world problem", **Psychology Today**, n. 2, 1967.

MINOW, M. **Not only for my self: identity, politics and the law**. N.Y. New York University Press, 1997.

NEWMAN, M. E. J. "The Structure and Function of Complex Networks". In: **SIAM Review** (Society for Industrial and Applied Mathematics), vol. 45, n.02, 2003.

PLEYERS, Geoffrey. "The Social Forums as an ideal model of convergence". In: **Publicações da Unesco**, 2004.

PUTNAM, R. "Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community". In: **Public Choice Journal**, vol. 100 n.3-4, 2001.

RODRIGUES, I e MÉRIDA, F. **UCINET 6.0 Guía Práctica de Redes Sociales** Universitat de Barcelona, 2006.

ROMERO, Miguel; EGIREUN, Josu; GARÍ, Manolo. "FSM-2005 - Un futuro difícil". In: **Revista Viento Sur**, 79, marzo 2005.

SEN, Ji. "On Building Another World. Or: are other globalisation possible? The World Social Forum as an instrument of global democratisation". In: **Paper for the NIGD (Network Institute for Global Democratisation) Seminar at the World Social Forum, on Global Democracy? A north-south Dialogue**, Porto Alegre, 2002.

SEN, Ji e KERAGHEL, Chloe. "Explorations in open space. The World Social Forum and cultures of politics". In: **Publicações da UNESCO**, 2004.

SIMMEL, G. **The sociology of George Simmel**. New York: Free Press, 1950.

TARROW, Sidney. **Power in movement**, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

TOMAEÍ, Maria Inés; DI CHIARA, Ivone; ALCARÁ, Adriana. "Das Redes Sociais à Inovação". In: **Revista de Ciência e Informação**, 34:2, Brasília, 2005.

UGARTE, D. **El poder de las redes**. 2007. Disponível em: <http://dugarte.com>>. Acesso em: 28 out. 2007.

URRUTIA, J. **La individuación por la pertenencia**. 2003. Disponível em: <<http://juan.urrutia.elejalde.org>>. Acesso em: 28 out. 2007.

WALLERSTEIN, I. “The Dilemmas of open space: the future of the WSF”. In: **Publicações da Unesco**, 2004.

WASSERMAN, S. EFAUST, K. **Social network analysis: methods and applications (Structural Analysis in the Social Sciences)**. Cambridge: Cambridge Press, 1994.

WELLMANN, B. “The Network Community: introduction o Networks in the Global Village”. In: **Networks in the Global Village**. Boulder: Westview Press, 1999.

WHITAKER, Francisco. **O desafio do Fórum Social Mundial: um modo de ver**. São Paulo: Loyola, 2005.